

## 4

### A (a)temporalidade do Inconsciente

Laplanche e Pontalis (2004) sugerem que, se fosse preciso concentrar em uma palavra a “descoberta” e a inovação freudiana, o inconsciente seria certamente esta palavra. Sim, “descoberta” entre aspas, pois não se trata de achar algo oculto que já estava lá, a engenhosidade se deve à construção de um conceito-chave para compreender o funcionamento da vida psíquica. Depois de Freud, o termo ficou sem dúvida marcado pelo sentido psicanalítico que lhe foi atribuído. O “Inconsciente” se tornou uma palavra fortemente relacionada ao campo da psicanálise. Segundo Garcia-Roza (2004), ninguém tinha um inconsciente antes de Freud, muito embora a ideia de um inconsciente individual e ontológico seja questionável, como veremos mais adiante.

Encontramos, ao longo da obra de Freud, a referência ao inconsciente sob vários aspectos. De acordo com Laplanche e Pontalis (2004), pode-se destacar dois eixos fundamentais que apontam para determinados usos e sentidos recorrentes. São eles:

- 1- O adjetivo “inconsciente” é por vezes usado para exprimir os conteúdos não presentes no campo efetivo da consciência, num sentido descritivo, e não tópico, isto é, sem fazer discriminação entre os conteúdos dos sistemas pré-conscientes e inconsciente. No quadro da segunda tópica freudiana (1923), o termo “inconsciente” também é usado em sua forma adjetiva. Efetivamente, inconsciente deixa de ser o que é próprio de uma instância especial, visto que qualifica o id e, em parte, o ego e o superego. No entanto, convém ressaltar que as características atribuídas ao sistema Ics na primeira tópica são, de um modo geral, atribuídas ao Id na segunda tópica. A diferença entre o pré-consciente e o inconsciente, embora já não seja mais intersistêmica, persiste como distinção intrasistêmica – o

ego e superego são em parte pré-conscientes e em parte inconscientes.

2- No sentido tópico, o inconsciente se refere a um dos sistemas definidos por Freud (1900) em sua primeira teoria do aparelho psíquico. É constituído por conteúdos recalçados aos quais foi recusado o acesso ao sistema pré-consciente/consciente pela ação do recalque. O inconsciente como sistema (ou Ics) pode ser resumido do seguinte modo:

- a) seus conteúdos são representantes das pulsões;
- b) esses conteúdos são regidos pelo processo primário – condensação e deslocamento;
- c) são investidos pela energia pulsional, procuram retornar à consciência e à ação (retorno do recalçado), mas só têm acesso ao sistema Pcs-Cs nas formações de compromisso;
- d) são, mais especificamente, os desejos da infância que possuem uma fixação no inconsciente.

A abreviatura Ics – *Ubw* do alemão *Unbewusste* – designa o inconsciente sob a sua forma substantiva, isto é, como um sistema; com letras minúsculas, ics (*ubw*) é a abreviatura do adjetivo inconsciente (*unbewusst*), qualificando os conteúdos do referido sistema.

Mas qual é a referência de tempo aí implicada ao se postular a existência do inconsciente? Existem vestígios de tempo no inconsciente? Será que inexistem qualquer referência a ele? Quando se fala em inconsciente *atemporal* estamos falando do quê, exatamente? Trata-se de uma conceituação pela negativa? Diz respeito a *um fora* do tempo – fora de qualquer possibilidade de inscrição temporal – ou *fora de um tempo*, isto é, fora de um tempo regente entre muitos possíveis? O inconsciente é absolutamente *sem tempo* ou possui uma *temporalidade* própria, desviante de todas

as outras que encontramos? Freud (1915a) nos oferece algumas palavras sobre este polêmico assunto:

Os processos do sistema *Ics.* são *intemporais*; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema *Cs.* (FREUD, 1915a, p.192).

#### 4.1 A Consciência e o tempo sobressaltado

No artigo O Inconsciente, de 1915, Freud defende a ideia de que a referência ao tempo está intimamente ligada ao trabalho do sistema perceptivo da consciência. A noção de tempo no psiquismo seria oriunda da consciência e não do inconsciente. Mas o que ele chama de referência ao tempo exatamente? No texto Uma Nota Sobre o Bloco Mágico, Freud (1925) fornece indicações sobre isso. A origem do tempo é reportada ao modo de funcionamento inseparável da percepção e da consciência que compõem um só sistema. O investimento neste sistema se daria em impulsos periódicos, após os quais as percepções seriam recebidas e transmitidas para o sistema inconsciente (WINOGRAD, 1998). Ao ocorrer essa transmissão, o funcionamento do sistema Pcpt-Cs se interromperia, configurando uma descontinuidade – característica marcante que Freud (1925) atribui ao funcionamento perceptivo. O autor esclarece:

Minha teoria expunha que inervações da catexia são enviadas e retiradas em rápidos impulsos periódicos, de dentro, para o sistema Pcpt-Cs completamente permeável. Enquanto catexizado dessa maneira esse sistema recebe percepções (que são acompanhadas por consciência) e transmite a excitação para os sistemas mnêmicos inconscientes; entretanto, assim que a catexia é retirada, a consciência se extingue e o funcionamento do sistema se detém. É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema Pcpt-Cs, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes. (...) Tive ainda a suspeita de que esse método descontínuo de funcionamento do sistema Pcpt-Cs jaz no fundo da origem do conceito de tempo (FREUD, 1925, p. 258-259).

Este texto evidencia o pensamento de Freud (1925) sobre a origem psíquica da ideia de tempo: está referido ao sistema Pcpt-Cs. Dos sistemas que compõem o

psiquismo este é o mais superficial, o que se encontra numa maior proximidade com mundo externo. Entretanto, não somos um receptáculo passivo de estímulos, há no sistema Pcpt-Cs um trabalho, isto é, existe uma filtragem dos estímulos provenientes do exterior. Segundo Gondar (1995), é no modo particular de realizar esta atividade que Freud verá a possibilidade de construir uma ideia sobre o tempo. Freud (1925) afirma, em alusão ao bloco mágico – espécie de lousa em duas camadas onde com um simples movimento de mão é possível apagar o que foi escrito – que o sistema Pcpt-Cs é composto de duas camadas que permitem efetuar uma seleção dos estímulos. A primeira delas é um escudo protetor que tem como objetivo reduzir a intensidade das excitações que invadem o psiquismo. A segunda consiste em uma superfície existente por trás deste escudo que recebe os estímulos já filtrados e amenizados. Assim, não somos capazes de perceber todos os estímulos advindos do mundo externo; de fato, uma estimulação que desse conta de tudo poderia colapsar o aparelho psíquico.

Não percebemos estímulos incessante e incansavelmente, percebemos descontinuamente, como rápidos *flashes*. Desse modo, o sistema Pcpt-Cs recebe estimulações mas não retém delas qualquer traço, “ele apenas transmite para outros sistemas adjacentes – os sistemas mnemônicos pré-conscientes e inconscientes, esses sim, capazes de reter permanentemente os traços das excitações recebidas, e de articulá-los entre si” (GONDAR, 1995, p.37). Assim, com o reforço especial do pré-consciente e do inconsciente capazes de reter aquilo a que consciência não se ateuve, pode-se compreender melhor a complementariedade das instâncias psíquicas. A consciência não registra a passagem dos estímulos, se ela o fizesse, ela em breve seria incapaz de receber novas percepções. Freud (1925) então divide consciência e memória, dando-lhes estatutos distintos e funções específicas. O sistema Pcpt-Cs acende e apaga a cada nova excitação e, ao se apagar, a excitação desaparece por completo, ao menos neste registro.

Para Gondar (1995) este é o ponto chave em Freud que deixa indícios para se formular uma ideia a respeito da passagem do tempo. Ela (1995) sugere que a consciência em psicanálise é capaz de operar uma síntese entre momentos descontínuos, experiências diversas que não estão ordenadas em uma linearidade, inserindo-as em uma dimensão histórica. Essa síntese resulta em um tempo subjetivo,

isto é, a visão que temos de nossa própria temporalidade. No entanto, Gondar (1995) também argumenta, por outro lado, que a proposta de Freud (1925) é o avesso desta ideia de síntese. Para o pai da psicanálise (1925), o aparelho psíquico não possui uma unidade ou qualquer função de síntese, ele é desmembrado em várias instâncias, com funcionamento distintos. A percepção é desvinculada da memória, o inconsciente é irreduzível à consciência e a descontinuidade permanece o dado básico. A autora prossegue:

(...) o discurso consciente é frequentemente interrompido por lacunas, através das quais o inconsciente se manifesta. Manifestações estas que são de uma continuidade ainda mais radical, já que o inconsciente irrompe de modo súbito e imprevisível. Essa descontinuidade levará Freud a privilegiar, no plano do psiquismo, o instante como realidade temporal (...) valorizando o inconsciente e, por meio dele, a cisão – e não a síntese. Por este motivo ela (a consciência) não será um tema ao qual Freud conceda um especial interesse; ele não cria uma teoria da consciência em sua obra, mas uma teoria do inconsciente; é relativamente a este que a consciência deverá ser definida (GONDAR, 1995, p.39).

Assim, a partir de um ritmo frequente entre percepção e não percepção, entre consciência e não consciência, o indivíduo é capaz de formar um esquema ordenado de intermitências, de momentos sobressaltados organizados em uma sucessão de instantes. Aí residiria o conceito de tempo – composto de descontinuidades que se tornam um somatório de instantes sucessivos encadeados logicamente. No entanto, Freud não se debruça sobre isso, seu interesse é justamente nos lapsos da consciência.

O Ego é apontado na obra de Freud (1923) como a instância psíquica capaz de operar sínteses e talvez a partir dele fosse possível desenvolver a ideia de uma apreensão do tempo, mas não é ao ego que ele se reporta para falar do tempo, e sim à consciência. Em 1920, Freud ao discorrer sobre os processos psíquicos, fala do inconsciente referindo-se a ele como o negativo da consciência. Ao comparar as duas instâncias, o autor mais uma vez afirma que a noção de tempo deriva do sistema Pcpt-Cs. Há neste momento um contraste: a consciência tomada como referência rege o tempo e nesta lógica o inconsciente não se enquadra.

Aprendemos que os processos mentais inconscientes são, em si mesmos, intemporais. Isso significa, em primeiro lugar, que não são ordenados temporalmente, que o tempo de modo algum os altera e que a idéia de tempo não lhes pode ser aplicada. Trata-se

de características negativas que só podem ser claramente entendidas se se fizer uma comparação com os processos mentais *conscientes*. Por outro lado, nossa idéia abstrata de tempo parece ser integralmente derivada do método de funcionamento do sistema *Pcpt.-Cs* (FREUD, 1920, p.39).

O que é trazido à luz com a discussão sobre o sistema *Pcpt.-Cs* é uma “ideia abstrata” (FREUD, 1920, p.39) do tempo que em sua raiz está relacionada ao funcionamento inconsciente. A percepção fornece instantes pontuais cuja articulação e associação entre si se dá em um outro sistema, precisamente naquele que armazena os traços mnêmicos – o inconsciente. Nada permite a princípio diferenciar os elementos sucessivos, o anterior e o posterior, não havendo na consciência uma explicitação de como se chega à ideia abstrata de tempo a partir do funcionamento descontínuo (WINOGRAD, 1998). É necessário supor processos intermediários que instituem no tempo a referência de um antes e um depois.

Garcia-Roza (1994), em seu livro intitulado *Freud e o Inconsciente*, argumenta que o inconsciente freudiano está situado em oposição aos processos do campo da consciência e de um tempo que funciona sob a égide da percepção de si e do mundo. Freud assinala como característica do sistema *Ics* a ausência da temporalidade, visto que seus conteúdos não se organizam no tempo e também não são oxidados por ele. Em 1900, no texto *A interpretação dos Sonhos*, debruçado sobre os sonhos, Freud afirma seu interesse no inconsciente, ressaltando o seu protagonismo, além de situar sua importância com relação a consciência:

(...) deve-se pressupor que o inconsciente é a base geral da vida psíquica. O inconsciente é a esfera mais ampla, que inclui em si a esfera menor do consciente. Tudo o que é consciente tem um estágio preliminar inconsciente, ao passo que aquilo que é inconsciente pode permanecer nesse estágio e, não obstante, reclamar que lhe seja atribuído o valor pleno de um processo psíquico. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica (FREUD, 1900, p. 637).

Segundo Winograd (1998), ao dizer que “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica” (FREUD, 1900, p.637), Freud está sublinhando que o psíquico – ou a subjetividade – não coincide com a consciência. Esta última é apenas uma pequena parte do psiquismo. O real interesse freudiano reside no estudo dos processos inconscientes – que são a essência da vida psíquica.

Mas como conceber *processos* sem qualquer relação com o tempo, uma vez que a ideia de processo traz consigo a referência de um antes e um depois? Segundo a hipótese de uma atemporalidade absoluta seriam impensáveis todos os pressupostos freudianos sobre o inconsciente. Gondar (1995) sugere que o inconsciente com suas leis de articulação que vigoram a partir de uma lógica própria, está referido a alguma modalidade temporal. Maurice Dayan (1990), a partir de sua análise cuidadosa sobre a questão da atemporalidade do inconsciente, argumenta em seu artigo *Déni de la mort et passage du temps* que o inconsciente não é absolutamente atemporal, mas sim relativamente. Ele é atemporal em relação ao tempo progressivo da consciência, encontra-se excluído da temporalidade do sistema pré-consciente/consciente. Trata-se de uma atemporalidade referida à dimensão de um certo tempo da consciência e na medida em que este é tomado como representante exclusivo do que seja um regime temporal (PELBART, 2000). É somente fora deste tempo que de fato o inconsciente se qualifica como atemporal. Se consideramos em Freud múltiplas temporalidades, ou no sentido de Michel Serres (1988), o tempo como mistura, talvez possamos supor algum estatuto temporal para o inconsciente que não seja pela negativa.

#### **4.2 Virtualidade e atualização**

Inspirada por Deleuze (1974), Gondar (1995) propõe que se pense o inconsciente no plano do virtual/real ao invés de tentar apreendê-lo pelas dimensões do passado e presente. Não é possível temporalizar o inconsciente através de um tempo progressivo, pois assim só seria possível defini-lo pelo negativo da consciência – atemporal. Quando nos referimos aos processos inconscientes, o que se coloca em jogo é o processo de atualização que deriva de um mundo de possibilidades. As atualizações do inconsciente são súbitas e descontínuas, mas, a cada momento em que se efetuam, são irreversíveis. No momento em que a virtualidade se encarna, isto é, se atualiza em certos elementos, relações e funções, temos aí uma ação materializada. O que se atualiza no aqui e agora são determinadas relações, possibilidades de articulação dos elementos segundo uma direção exclusiva, que após efetuada não volta atrás. Acompanhemos Deleuze neste ponto:

Convém observarmos que o processo de atualização sempre implica uma temporalidade interna, variável segundo aquilo que se atualiza (...) Portanto, a posição do estruturalismo relativamente ao tempo é bastante clara: o tempo é sempre um tempo de atualização, segundo o qual se efetuam, em ritmos diversos, os elementos da coexistência virtual. O tempo vai do virtual ao atual, isto é, da estrutura às suas atualizações, e não de uma forma atual a outra forma (DELEUZE, 1974, p.284-285).

Para esclarecer essa hipótese, Gondar (1995) sugere a imagem de um jogo de xadrez cuja lógica se encontra na disposição das peças no tabuleiro. De acordo com a posição inicial das peças na superfície, uma infinidade de combinações é possível, ou seja, todas elas coexistem virtualmente em um campo de possibilidades. A cada momento do jogo, a cada movimento das peças, uma dessas possibilidades se atualiza, formando um outro desenho no tabuleiro de acordo com a nova disposição das peças. Se percebemos o movimento de atualização que faz a passagem do xadrez virtual para o xadrez atual, devemos admitir uma irreversibilidade do tempo. A cada movimento um novo sentido se inaugura, sendo impossível retornar à configuração anterior. É aí que compreendemos o tempo nesta lógica inconsciente: ele está na passagem do virtual para o atual.

Assim, como sugere Pelbart (2000), para se falar do inconsciente positivando-o de um ponto de vista temporal, é preciso se pensar em um *tempo da efetuação* onde o sentido é que faz existir aquilo que o produz. Sob esse prisma, o inconsciente é portanto uma virtualidade que toma corpo a cada vez que se atualiza. Não está lá antes que um sintoma ou um ato falho sejam produzidos. O inconsciente não é algo que possui uma realidade material presente no tempo, ele não existe senão nas suas manifestações atuais. É assim que as produções inconscientes serão encaradas em função de um *a posteriori*. O recalcado, por exemplo, só se revela no retorno do recalcado, ele não poderia ser pensado como preexistente à produção do sintoma, assim como o trauma, que só se consolida após ser evocado por uma segunda representação. Esta é a lógica da posterioridade que rege o funcionamento do inconsciente. Lacan (1979) contribui com esta questão ao propor a imagem de um abre e fecha pusátil, semelhante a uma boca de jacaré, para pensar o funcionamento do inconsciente. Ele surge em um momento preciso, porém inantecipável, esvaindo-se entre uma abertura e seu fechamento. Lacan (1979), apoiado no estruturalismo, na

teoria saussuriana do signo e na primazia do significante, define o inconsciente como estruturado pela linguagem. Ele é transindividual, isto é, não está contido dentro da cabeça de cada um, ele tampouco é profundo, é tão superficial quanto a linguagem.

Lacan prossegue:

O inconsciente freudiano nada tem a ver com as formas ditas do inconsciente que o precederam, mesmo as que o acompanhavam, mesmo as que o cercam ainda. (...) o inconsciente de Freud não é o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite. (...) Ali, alguma outra coisa quer se realizar - algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade (LACAN, 1979, p.29).

O inconsciente seria, portanto, uma matéria prima a ser encadeada, sempre pronta a novas articulações produtoras de novos sentidos (WINOGRAD, 1998). O tempo aí não é linear e sequencial, ele é lógico. A cada instante que se atualiza – e se torna ato – o inconsciente articula certos elementos da cadeia de significantes, tornando esta configuração irreversível até a próxima atualização. Para Pelbart (2000), é nestes termos que nos deparamos com a atemporalidade do inconsciente:

Eis aí, pois, um tempo que não flui, que não dura, sem por isso ser abstrato – é tempo real, tempo de produção, que no entanto prescinde da matriz da sucessão. Tempo não punctiforme, mas espesso, contraindo num único instante toda a rede da memória. A cada instante se institui um novo tempo, que emerge de forma repentina, irregular e inantecipável (PELBART, 2000, p.133).

Retirar o inconsciente freudiano da problemática do encadeamento passado-presente-futuro, trazendo-o para a lógica do virtual-atual, pode favorecer uma compreensão mais fecunda dos processos inconscientes e da temporalidade que está em jogo. Sob esse prisma, considerando o tempo da efetuação, podemos postular para o inconsciente, no momento em que se atualiza, uma irreversibilidade constituída por instante descontínuos. Porém, não é do mesmo modo que as operações conscientes e inconscientes são descontínuas. Há no sistema Pcpt-Cs uma descontinuidade que permite demarcar instantes sucessivos, isto é, a partir da consciência se constrói um conceito de tempo linear – compreendido como um conjunto de pontos que se sucedem de forma regular e previsível. O tempo ao qual a consciência é vinculada não passa de uma abstração, de um padrão único que é exterior ao sujeito, a partir do

qual podem ser ordenados, de um mesmo modo, todos os eventos (GONDAR, 1995). A linearidade é uma ilusão produzida pela consciência. Já os processos inconscientes não se apreendem em instantes que podem se organizar segundo uma sucessão. No inconsciente está em jogo um tempo real – porque é um tempo de produção próprio ao seu funcionamento.

É essa temática que se encontra expressa na noção de *nachträglich* tão discutida no capítulo anterior. Aí reside a descontinuidade do inconsciente que marca seu modo de funcionar característico: existe uma articulação não sucessiva entre um antes e um depois. Após uma articulação lógica entre um antes e um depois, não é possível retornar à configuração inicial até que ocorra uma outra articulação que vai produzir novidade. Assim, a cada instante que os traços mnêmicos se reorganizam, produz-se um novo sentido que não é reversível, pois não é possível retornar ao instante anterior. Então, em outras palavras, *nachträglich* é o tempo referente ao funcionamento inconsciente, ele é descontínuo e potencialmente reversível – com relação às infinitas articulações possíveis – no entanto, uma vez que se atualiza torna-se irreversível até a próxima atualização. Isabel Fortes (2006) adverte que o tempo que se diferencia é o tempo da irreversibilidade e não da reversibilidade, pois “se o tempo da irreversibilidade é aquele que diferencia um antes e um depois, o tempo da reversibilidade faz uma simetria entre o que veio e o que virá” (FORTES, 2006, p.203). Essa simetria não permite diferenciar qualitativamente os pontos de referência no tempo. Há no *a posteriori*, portanto, uma dissimetria entre o antes e o depois que permite concebê-los como desiguais. (FORTES, 2006).

Assim, a temporalidade de *nachträglich* deixa entrever um hiato temporal que é derivado do funcionamento inconsciente. É uma modalidade temporal, ao mesmo tempo intrínseca e extrínseca ao sujeito: é um modo pelo qual ele se constitui e também a partir do qual é possível engendrar um tempo próprio. A lógica da posterioridade se torna, portanto, muito mais interessante ao ser pensada segundo a lógica atual/virtual ao invés de ser enquadrada nos termos da relação passado-presente.

(...) o que o inconsciente implica é a construção de uma história que, por ser construção, não permanece e nem determina o presente. Inversamente, tudo se passa

como se o presente constituísse o passado e abrisse o futuro como diferença. Daí podemos afirmar que o inconsciente é criação e movimento, produção do novo e construção incessante de si. Ao invés de lugar da origem, determinação do sujeito, veremos que o inconsciente deve ser definido como a multiplicidade virtual das significações possíveis, como a produção incessante de diferença (WINOGRAD, 1998, p.87).

### 4.3

#### O Inconsciente e o tempo que não passa

Sylvie Le Poulichet (1996), em seu texto *O tempo que passa e o tempo que não passa*, assinala o quanto a obra freudiana se refere a um trabalho *no tempo e do tempo*. No que diz respeito ao inconsciente é possível pensar no trabalho do sonho, trabalho do luto, trabalho da análise e quantos mais forem possíveis de ressaltar. A autora argumenta que frequentemente, na clínica, as considerações clássicas sobre a linearidade do tempo ainda parecem vigorar. A infância determina o adulto, a transferência faz repetir antigos conflitos recônditos, mal resolvidos, e os sintomas são vistos como reatualização do passado no momento presente. A instigante reflexão de Le Poulichet versa sobre o que está para ela posto em um *setting* analítico: trata-se de encontros entre um tempo que passa e um tempo que não passa. Ora, esses encontros se tornam possíveis graças à dinâmica da transferência que se dá na presença do analista. O inconsciente é o campo do tempo que não passa, dos processos que nenhuma cronologia ordena, dos deslocamentos, condensações, projeções, introjeções, inversões, regressões, identificações. De um lado, existe o tempo da consciência, no qual o sujeito se conta: tempo das sucessões que se ordenam como passado, presente e futuro. Do outro lado, simultaneamente, sem que se saiba, “os processos inconscientes abrem devires anônimos, desprovidos de síntese, e que não passam para ninguém: assim, eles não podem se tornar passados” (LE POULICHET, 1996, p.30). Existe um hiato entre a representação de tempo consciente, um “Sou consciência do tempo” (p.30) e *os tempos* que constituem os processos inconscientes – “Isso se torna” (p.30). Segundo a autora, é a colisão entre as duas temporalidades que gera as condições da repetição:

A repetição é sempre nova, pois ela se produz em um novo lugar, ou mais exatamente, ela produz um novo lugar, criado pelo encontro de duas temporalidades heterogêneas e pela atualização dos efeitos desse encontro. Cada um desses encontros

gera uma singularidade, pois não só cada ‘agora’ é determinado pelo seu confronto com o precedente e com o seguinte, mas estilos mais diferentes de devires impessoais, ou suas diversas combinações, podem se encontrar vestidos de maneira privilegiada nesse momento. Mas, antes de evocar mais precisamente essa colisão das suas temporalidades – entre o ‘isso se torna’ e o ‘isso me acontece agora’ – antes de evocar essa colisão que dá lugar à repetição, é preciso ainda interrogar essa proposição aparentemente antifreudiana concernente à temporalidade dos processos inconscientes (LE POULICHET, 1996, p.31).

A autora advoga que os processos inconscientes não são de fato modificáveis pelo tempo justamente porque eles são em si mesmos “*formas de tempo*, ou, mais precisamente, *modos de passagens do tempo*” (p.32). Portanto, os processos inconscientes são regidos por um tempo que não passa, mas que é, ao mesmo tempo, o modo da passagem e que não fica para trás. Cada operação própria a um processo inconsciente – deslocamento, projeção, regressão, transferência, etc – tem uma consistência temporal própria: é um modo de tempo ou uma operação de transformação de elementos e também de passagem. Estes tempos instauradores de passagens – que são os processos inconscientes – animam a vida psíquica. Esses processos não possuem ordenação e não estão submetidos à passagem *do* tempo; a exemplo disso temos os processos primários que estão alheios ao juízo de realidade e escapam à organização temporal da representação consciente. No entanto, no jogo da energia livre que caracteriza o processo primário, tudo se torna e nada cessa, pois nada é passado. Segundo Pelbart (2000), o tempo onde “tudo devém, mas nada passa” (p.140) é difícil de ser pensado, uma vez que o pensamento é já produção de um tempo que passa, que escoia.

Freud (1915a) afirma em seu artigo que o inconsciente é vivo, capaz de evoluir, ele não é apenas um resíduo ou um reservatório onde se acumulam detritos. Segundo Le Poulichet, no artigo o Inconsciente, Freud (1915) acaba por se contradizer ao colorir o inconsciente com tanta vida e intensidade, para depois afirmar que não há relação alguma entre ele e o tempo. A autora prossegue:

(...) o que não passa no tempo é a própria passagem do tempo. Nesses tempos da *passagem* (deslocamento, condensação, transferência, retorno...) nada se torna passado, pois nunca passou para alguém. Os tempos inconscientes são devires impessoais, porque não passam para ninguém. Essa persistência ou essa presença movediça não pode, assim, ter um sentido único nem sentido correto, pois aqui os

significantes não param de deslizar sobre aquilo para que eles remetem, sem nunca deter-se verdadeiramente. Para onde eles vão e para quem?, perguntaremos... para parte alguma e para ninguém, pois não há direção, só há a passagem que persiste. E sob essas passagens, efetua-se a pressão constante da pulsão (LE POULICHET, 1996, p.33).

O tempo que passa e o tempo que não passa se conjugam por ocasião da transferência, mas permanecem heterogêneos, pois o sistema Pcpt-Cs se protege contra a pressão do inconsciente, e este último encontra obstáculos para penetrar na consciência, e, quando o faz, precisa estar de alguma forma mascarado. Esse entrecruzamento – ou encontro não homogêneo – gera finalmente o “lugar da repetição ou o lugar dos acontecimentos psíquicos, onde se atualiza no conflito a presença do desejo, como na formação de sintoma” (LE POULICHET, 1996, p.36). O tempo do inconsciente ignora a distinção passado-presente-futuro, pois é um tempo exclusivamente das trocas e metamorfoses em que “sucessões e simultaneidades se encavalam, numa ‘superfície em devir instável’. Não há uma flecha do tempo, uma direção, nem duas, mas um campo saturado de linhas e de ligações, instaurando um tempo de composição dessas linhas” (PELBART, 2000, p.141). Não tem mão nem contramão, reversibilidade nem irreversibilidade, o que há é um campo potencial de múltiplos encontros com vetores diversos.

Essa perspectiva de Sylvie Le Poulichet (1996) supõe um descentramento temporal, uma colisão de tempos heterogêneos como condição de possibilidade para os acontecimentos psíquicos. A imagem proposta pela autora é a de um sujeito – que seria um ponto – que se desloca errante sobre essa superfície de temporalidades plurais, onde a todo instante “isso se torna”, se transforma em outra coisa. E na transferência, no encontro entre o tempo que passa e o tempo que não passa, os diferentes tempos que permaneciam cegamente isolados, cada qual em sua lógica própria, podem cruzar-se e repercutir, provocando mudanças psíquicas. Perlbart (2000), ao comentar o trabalho de Le Poulichet (1996), afirma que estes “tempos psíquicos em seus devires anônimos, são fonte de sofrimento psíquico que uma ‘teoria dos tempos’ deveria poder pensar” (PELBART, 2000, p.142) em psicanálise. A proposta de Le Poulichet (1996) exalta a importância do psicanalista frente a seu paciente: cabe ao analista uma função bastante delicada, ele media o encontro de

tempos diversos, onde aquilo que não passa e não cessa pode acontecer ao sujeito. A autora ainda afirma que se os processos inconscientes são modos de passagens em si mesmos; o analista – em sua prática terapêutica – é aquele que pode abrir passagens entre os diferentes tempos que conjugam o sujeito.

Pelbart (2000) afirma que a partir desta leitura original de Sylvie Le Poulichet (1996) é possível pensar, ao invés de uma atemporalidade inconsciente, um inconsciente multitemporal, onde o processo primário é compreendido como uma superfície de devires e metamorfoses. No inconsciente convivem virtualmente linhas temporais diversas onde o sujeito está descentrado. Ele é apenas um ponto errante e errático, “sujeito pulverizado, deslizando sobre essa superfície multilinear, onde precisamente cada linha temporal se torna um sujeito. Vemos aí uma das tentativas mais ousadas de dar carne ao pensamento do tempo subjacente à obra de Freud” (p.142). Para Pelbart (2000), essa concepção corresponde a tal “teoria dos tempos” (Ibid) que gostaria de ver operar no pensamento psicanalítico. Dayan (1990) sugere que as formulações explícitas em Freud a respeito do tempo são carregadas de ambiguidade, dando margem a interpretações diversas. No entanto, o autor afirma que a teorização sobre o processo primário é uma das contribuições mais originais de Freud a uma possível teoria do tempo. Este conceito inventivo ilumina proposições inovadoras, como, por exemplo, o trabalho de Le Poulichet (1996), que compreende a temporalidade do inconsciente como um plural de tempos – em seus modos de passagens.

Pelbart (2000), ao comentar o livro da autora *O Tempo na Psicanálise*, ressalta que uma de suas maiores contribuições é a atribuição de uma positividade ao tempo do inconsciente, sem, contudo, substancializá-lo. O tempo do inconsciente não é equivalente ao negativo do tempo da consciência, ele não é somente sem tempo ou fora de um tempo. O inconsciente está alheio à matriz cronológica – da mais elementar tripartição (pasado-presente-futuro) ou mesmo bipartição (antes/depois) – ele é, em si mesmo, *todas* as possibilidades de tempo. Além disso, Le Poulichet (1996) também mostra como esta positividade é criadora e produtiva, se distanciando de qualquer ideia do inconsciente “como um depósito, um teatro, um arquivo de cenas” (PELBART, p.142).

Pelbart (2000) afirma ainda que para pensar o tempo em psicanálise a própria literatura psicanalítica é limitada. Muito embora a escola francesa tenha se debruçado longamente com Lacan (1953) e os demais pós-freudianos ao estudo do *a posteriori*, produzindo uma fértil reflexão sobre o tema, o foco da questão temporal na teoria psicanalítica ficou muito restrito a esta modalidade específica. Nesse ponto, a filosofia pode ajudar a psicanálise a se pensar, mudando a questão de ângulo. Na discussão sobre as temporalidades de Freud, para além de *nachträglich*, alguns conceitos deleuzianos podem funcionar como chave de leitura para redimensionar a questão: a lógica virtual/atual; um tempo múltiplo, policrônico, que contesta a ideia de encadeamento; a coexistência como um plural de tempos que existe em potência; o acontecimento psíquico; o tempo como produtor incessante de diferença. Não se trata de perseguir em Deleuze (1968) uma teoria do tempo que se afine com a psicanálise, mas, sim, de tomar emprestados imagens, conceitos, que permitam pensar o assunto com a complexidade que ele exige.

(...) em Deleuze, ao invés de uma *linha* do tempo, temos um *emaranhado* do tempo; em vez de um *fluxo* do tempo, veremos surgir uma *massa* de tempo; em lugar de um *rio* do tempo, um *labirinto* do tempo. Ou ainda, não mais um *círculo* do tempo, porém um *turbilhão*, já não uma *ordem* do tempo, mas uma *variação* infinita, nem mesmo uma *forma* do tempo, mas um tempo *informal, plástico*. Com isto, estaríamos mais próximos, sem dúvida, de um tempo da *alucinação* do que de uma *consciência* do tempo (PELBART, 2004, p.XXI).

Não é sem algum esforço imposto à geografia mental que o tema do tempo em Deleuze (1968) se revela. Para ele, o tempo contém uma infinidade de mundos, possui trajetória labiríntica, errante, caótica, não reconciliada. Como diz Pelbart (2004) em seu livro *O Tempo Não Reconciliado*, o início e o fim não rimam, não há reconciliação possível que feche um sentido de saída. A historicização retroativa que a temporalidade do *a posteriori* opera também não é suficiente para apreender a noção de tempo característica do funcionamento do inconsciente. Nos processos inconscientes “nada cessa, nada desaparece, nada é expulso, numa insistência em que nada tem fim, desfecho ou conclusão, no entanto, paradoxalmente nada aí é idêntico, imóvel ou permanente” (PELBART, 2000, p.140). O que é permanente são os devires que não possuem ordenação temporal segundo as referências de um antes e um

depois. Com Deleuze (1974) e as brechas que Le Poulichet (1996) abre em Freud (1915), é possível supor no inconsciente uma positividade afirmativa – uma multiplicidade temporal.

E dentro desta linha de pesquisa, ao invés de um inconsciente atemporal não poderíamos supor um inconsciente multitemporal em função de diversas linhas de tempo que se encontram ali misturadas? O tempo relativo ao processo primário, um tempo mítico interno e externo ao sujeito, fundador de uma cisão psíquica, um tempo ligado ao *a posteriori* e à ressignificação, vinculando o inconsciente ao funcionamento da consciência. Qual tempo para o inconsciente? Nenhum e todos ao mesmo tempo. André Green (2000) também nos oferece algumas palavras sobre o assunto a partir de novos ângulos. Seguimos com ele.

#### 4.4

#### A heterocronia

Em seu livro *Le Temps Eclaté*, Green (2000) sustenta a hipótese de que o verdadeiro objeto da psicanálise é, desde sempre, a temporalidade. Para ele, o debate sobre este tema é condição de possibilidade para a construção e inteligibilidade dos conceitos de Freud. Green (2000) destaca alguns momentos importantes onde a questão do tempo se faz presente: nas hipóteses relacionadas a um originário que pressupõe um tempo mítico; na compulsão a repetição; no tempo sobressaltado da consciência; na temporalidade retrospectiva de *nachträglich*; na formação sintomática; no sonho; no tempo inconsciente que não passa; na maturação do desenvolvimento que segue um curso progressivo – sincronia; na transferência; nos caminhos da sexualidade infantil; na rememoração, e por aí vai. Ele se pergunta no início de seu terceiro capítulo: “Será que Freud nunca deixou de se ocupar de outra coisa que não do tempo, ao longo de sua obra? Temos o direito de duvidar” (p.21). No entanto, a formulação mais original de André Green (2000) que sustenta a sua argumentação é a hipótese de um tempo desmembrado em psicanálise – uma discussão que se desenrola a partir da noção de heterocronia. A investigação de Green (2000) sobre a questão do tempo em Freud (1900) ganhou terreno fértil a partir do texto *A Interpretação dos sonhos*, pois, segundo ele:

o sonho demonstra a existência de um tempo fragmentado, isto quer dizer, de um tempo que não tem muito a ver com a ideia de uma sucessão ordenada segundo a tripartição passado-presente-futuro. Tudo no meu sonho é puro presente. E ainda, se seu conteúdo manifesto parece obedecer à uma certa linearidade, sem dúvida adquirida *a posteriori* da elaboração secundária, é apenas uma aparência superficial que desaparece ao menor sinal do trabalho associativo (GREEN, 2000, p.12).

O autor argumenta que o texto freudiano (1900) propõe a princípio uma bidirecionalidade de processos psíquicos. Há uma dupla vetorização, isto é, os investimentos percorrem o espaço psíquico em um vai e vem que tende para frente e para trás em movimento progressivo e regressivo. Essa ação pendular dá lugar ao nascimento da figurabilidade própria ao sonho. O que está por vir e o que já passou encontram-se vivos e misturados em um puro presente do sonho. A partir daí, Green (2000) explora a relação do inconsciente com a consciência, afirmando que “a atemporalidade do inconsciente não é outra coisa que a atemporalidade de seus traços e seus investimentos dotados de mobilidade” (p.23). Na leitura de Green (2000), Freud apenas reconhece dois tipos específicos de referência ao tempo: aquela que reconhece as marcas de sua passagem e tira delas sua consequência e aquela que resiste e consegue ficar alheia à passagem do tempo. No entanto, entre as duas referências existe um “gradiente” (p.23), isto é, um vasto campo de possibilidades. Assim, a bidirecionalidade, o fluxo do movimento no sentido progressivo e regressivo não esgotam todas as direções possíveis. Green (2000) compreende a temporalidade do inconsciente como um tempo que não passa e que por isso mesmo possui uma grande mobilidade. O aparente paradoxo possui parentesco com os termos de Sylvie Le Poulichet (1996): os processos inconscientes possuem movimento, produzem novidade e diferença, mas não passam para ninguém, pois eles são, em si, modos de passagens que transbordam a bidirecionalidade. Os dois sentidos da flecha do tempo – a reversibilidade e a irreversibilidade –, no inconsciente, encontram-se pulverizados. A diversidade coexiste. Para Green (2000) o inconsciente também não possui materialidade, ele de fato se faz presente nas suas ausências: nas cenas de esquecimento, nos lapsos, nos tropeços, nos atos incompreensíveis onde não há sentido pleno. O inconsciente tem lugar em uma heterogeneidade de significantes que são dele porta-voz.

Estão no sonho, portanto, os primeiros indícios de uma temporalidade desmembrada que não encontra lugar em uma concepção de tempo unificada. Esta investigação realizada por Green (2000) culmina em um modo original de descrever a problemática temporal em Freud: o que está em questão no sujeito é uma coexistência de tempos heterogêneos. Este é o principal postulado que conduz o debate, além de justificar o nome do livro: a heterocronia – irreduzível a uma modalidade de funcionamento temporal única – corresponde a um *éclatement* do tempo, isto é, uma explosão, que sugere um tempo partido, fragmentado – ou ainda, pedaços de tempo. Green (2000) propõe a imagem de um transbordamento, ou até mesmo cacos de um tempo explodido, cujas partes heterogêneas possuem, cada uma delas, um colorido próprio. Na esteira de Deleuze (1968), poderíamos observar uma aproximação com a ideia do tempo não reconciliado, cujas partes não rimam nem se encaixam harmoniosamente. A heterocronia pressupõe modalidades temporais diversas que estão em jogo no psiquismo e que não podem se agrupar de modo uniforme. No *setting* analítico fica evidente que “os problemas dos analisandos estão ligados a um percurso temporal individual, fundamentalmente singular” (p.31), no entanto, alguns pressupostos freudianos – a castração, a cena primitiva, o Édipo, o originário – apontam para uma universalidade que está ligada a uma dimensão da história da espécie que se atualiza nos indivíduos.

É seguindo este curso do pensamento freudiano que Green (2000) propõe a existência de uma “heterogeneidade diacrônica” (p.35) presente em cada sujeito. Essa hipótese supõe que modos temporais diversos inscrevem seus efeitos no psiquismo. Além disso, a heterocronia é classificada como diacrônica por causa de sua inseparável relação com o tempo evolutivo do desenvolvimento da espécie, que vai assumir formas próprias em uma cronologia da vida singular. A heterocronia é composta por camadas de tempo e cada camada por sua vez é em si mesma heterocrônica. Há muitos tempos em jogo e cada um deles é múltiplo. Assim, o tempo não está somente em pedaços, suas partes também estão em permanente tensão, umas com as outras. Esta multiplicidade desencontrada, conflitante e em constante colisão produz tanto sofrimento como também diferença – repetição e novidade.

Mas para André Green (2000) só interessa pensar a heterocronia se esta estiver em consonância com a clínica e com o que ele chama de “experiência da cura” (p.61). Esta multiplicidade de tempos heterogêneos produz efeitos clínicos no sujeito que aparecem muito claramente na transferência. O que está posto de maneira radical no encontro de um paciente com seu analista é “uma oposição entre o tempo do sujeito e o tempo do outro” (p.37). É a partir do encontro com a alteridade que o sujeito se constitui, se neurotiza e também se cura. Em outras palavras, o tempo exterior – dos outros, do mundo, da cultura, da espécie – é condição de um tempo interior – subjetivo, singular – e também sua maior fonte de sofrimento. Este inevitável conflito de um dentro com um fora é atualizado na presença do analista que busca impulsionar o choque de tempos para novas direções, construindo com seu paciente saídas criativas menos neuróticas. Para o autor, todas estas questões clínicas se edificam sob as bases de uma heterocronia fundamental que se dá em vários níveis, transversalmente. Há uma enorme conjugação de tempos, eles estão em ebulição, se proliferam, colidem, vão e vem.

André Green (2000) propõe a imagem de uma “árvore do tempo” (p.47) para ilustrar os fragmentos de tempo na psicanálise que foram brotando ao longo do desenvolvimento da teoria freudiana. Essa metáfora sugere que diversos conceitos estão em relação, se ramificam, reverberam uns nos outros, formando uma estrutura arborescente. No entanto, trata-se menos de uma ordenação conceitual onde cada conceito só pode ser pensado a partir de seu precedente e mais de um “sistema de relações solidárias” (p.51), onde diferentes elementos, embora estejam interligados em uma rede de apoio, possuem também vida própria. São solidários e solitários. Segundo Green (2000), a herança de Freud, do ponto de vista da ligação entre o tempo e a história psíquica do indivíduo, é que não há

uma só história (grande ou pequena), mas sim histórias no interior de esferas de um indivíduo, da cultura, da espécie, histórias que se articulam, se sobrepõem, se imbricam e se opõem por vezes umas às outras, umas nas outras, cada uma à seu próprio ritmo, de acordo com o seu tempo (GREEN, 2000, p. 59).

Essas esferas são, cada uma delas, composta de uma multiplicidade de tempos heterocrônicos. Mas, para o autor, é a partir do processo analítico que é possível

deduzir de fato a coexistência de tempos que tanto compõem como habitam o sujeito. É impossível abordar a árvore do tempo em psicanálise sem considerar os elementos clínicos e o jogo desencontrado entre paciente e analista. Estes tempos enraizados no sujeito são dessincronizados, pois, como sugere Green (2000), cada um deles possui ritmo próprio. Essa heterogeneidade é o que caracteriza a heterocronia fundamental da vida psíquica. Green (2000) ressalta ainda que a heterogeneidade das temporalidades presentes no sujeito possuem estreita correlação com a fragmentação das instâncias psíquicas (Id, Ego Superego), cada uma delas operando em um dado registro e em seu próprio ritmo.

A proposta de Green (2000) se afina de certo modo com a de Deleuze (1974) e Le Poulichet (1996) – que trouxeram, cada um à sua maneira, contribuições originais para se pensar a questão do tempo em psicanálise, especialmente no que se refere à (a)temporalidade do inconsciente. O Inconsciente compreendido como virtualidade é multitemporal, pois ali tudo existe em potência. O que há é o movimento da passagem, do *tornar-se*, que ao se atualizar encarna uma direção. Tomando a ideia emprestada de Green (2000), talvez o inconsciente seja a formulação freudiana mais intrigante, aquela que produz também um *éclatement* da teoria psicanalítica, reverberando em todos os conceitos, torcendo o pensamento.